

DO GRANDE SALTO PARA FRENTE À GRANDE FOME: CHINA DE 1958-1962

Shu Chang-Sheng¹

Resumo. O Grande Salto para Frente foi um programa econômico e sóciopolítico lançado pelo Presidente Mao Zedong, do Partido Comunista Chinês, entre 1958 e 1960, para transformar a China de um país agrário e atrasado em um país industrial, avançado e verdadeiramente socialista. Por falta de planejamento e coordenação, por causa da resistência dos camponeses e de uma série de erros políticos, este programa radical e altamente utópico acabou sendo um grande salto para trás. O colapso do *Grande Salto para Frente* e a conseqüente fome e depressão na China tiveram um grande impacto sobre a política partidária do país. Desde 1962, o partido e o seu presidente começaram a se distanciar, o que conduziu à formação de duas facções dentro do Partido Comunista Chinês: a facção radical maoísta, que se encontrava isolada, e a facção moderada e “revisionista”, que estava no comando efetivo. O conflito aberto entre as duas facções aconteceria a partir de 1966, quando Mao lançou a Revolução Cultural – objeto dos meus futuros estudos.

Palavras-chave: Grande salto para frente; comuna popular; revolução cultural; maoísmo; história política da China contemporânea.

FROM THE GREAT LEAP FORWARD TO THE GREAT FAMINE: CHINA FROM 1958 TO 1962

Abstract. The Great Leap Forward consisted of an economical, social and political program introduced by President Mao Zedong of the Chinese Communist Party between 1958 and 1960 to transform China from an agricultural and backward country into an industrial, progressive and really socialist one. Due to lack of planning and coordination, peasants' resistance and political mistakes, this extreme and highly utopian program actually became a great backward leap. The collapse of the Great Leap Forward and the consequent famine and depression in China affected immensely the country's party politics. Since a gap was established as from 1962 between the party and

¹ Professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Associado da Universidade Cândido Mendes. O autor agradece ao Professor Dr. Marcelo Bittencourt, do CEAA/UCAM, pela revisão do texto e a leitura crítica. Agradecimentos do autor vão também para a Faperj que financiou a pesquisa.

its president, two rival blocs became extant within the Chinese Communist Party: the Maoist radical bloc which remained alone, and the moderate and “revisionist” bloc which was actually in command. Open war between the two blocs occurred in 1966 when Mao triggered the Cultural Revolution.

Key words: Great leap forward; popular commune; cultural revolution; political history of contemporary China.

INTRODUÇÃO

Durante a Reforma Agrária (1949-1952), o Partido Comunista Chinês (PCCCh) incentivou a formação das *equipes de ajuda mútua*, em que dezenas de famílias camponesas do país se uniram para compartilhar mão-de-obra e animais de tração. As terras permaneceram propriedades privadas. A partir de 1953, as equipes de ajuda mútua começaram a ser transformadas em *cooperativas elementares*, com 30 a 50 camponeses cooperados. As terras e os animais de tração foram entregues à cooperativa, que, por sua vez, centralizou a ação sobre as atividades produtivas. Desta forma, os camponeses se tornaram operários rurais, cuja remuneração era baseada na “diária” ou nos “pontos de trabalho” (*gongfen*). Entretanto, aos camponeses foi permitido manter pequenos lotes de terra para uso próprio (geralmente 10% do total das terras), onde cultivavam principalmente legumes para consumo próprio e para serem vendidos em feiras rurais. Eles também tinham permissão para criar aves e animais no quintal da residência. Nessa etapa da socialização, as autoridades prometeram que a cooperativa usaria uma parte da renda para pagar os seus cooperados segundo as suas *ações*, i.e., a quantidade de terra e a quantidade de gado a ela entregue.

Ao *espremer* ao máximo os camponeses para acelerar a “acumulação socialista primitiva”, em 1953, o governo instituiu a política de “compra e venda única”, que obrigava os camponeses a entregar os seus excedentes para o Estado, na forma de cotas mínimas, fixas, contra pagamento também fixado antecipadamente. Sob esse sistema, mesmo nos anos de desastres naturais e de fome, os camponeses teriam a obrigação de cumprir a cota de entrega de produtos ao Estado.

Em 31 de julho de 1955, numa reunião dos secretários dos comitês das províncias e municipais do Partido, Mao Zedong (MaoTsé-Tung) decidiu acelerar a coletivização no campo, afirmando que, nas condições da China, a coletivização agrícola devia vir antes da

mecanização. Em função disso, as cooperativas elementares foram obrigadas a se transformar em *cooperativas avançadas da produção agrícola*, nas quais foi abolida a propriedade privada da terra e dos animais de tração, como também foi suspenso o pagamento de dividendos aos *acionários*.²

De fato, os camponeses não tiveram dificuldade em formar equipes de ajuda mútua, pois tinham tradição de solidariedade e apoio recíproco na produção; mas se desinteressavam das cooperativas, porque não queriam entregar as terras e os animais de tração. Deng Zhihui, vice-primeiro-ministro do governo e ministro do Trabalho Rural do Comitê Central do PCCh, observou que o gado grosso (bois, cavalos etc.) fora socializado praticamente sem indenização e sem prazo de devolução. Também foi confiscado o gado miúdo (porcos, carneiros etc.). Para não serem entregues à cooperativa, houve um abatimento báquico dos animais. De acordo com Deng Zhihui, “O gado das cooperativas escapava para longe, mas ninguém se importava em trazê-los de volta; os barcos flutuaram no rio por quilômetros, ninguém se importava em ancorá-los”, “cerca de 60% das cooperativas sofreram perdas de gado.”³

A coletivização acelerada prejudicou os interesses dos camponeses. Mesmo numa boa colheita, o governo não aumentaria a parte do consumo dos camponeses, e nos anos de fome, eles teriam de pedir “empréstimos” ao governo. Exceto em regiões atingidas pelas calamidades naturais, todas as cooperativas eram obrigadas a devolver os “empréstimos” e a cumprir as cotas do governo. Em consequência, os camponeses ficavam sem incentivos para produzir mais e melhor, à medida que o Estado socialista eliminava, passo a passo, as suas perspectivas de viver melhor.

COMUNISMO NUM PASSO SÓ!

O período 1958-60 é geralmente definido pelos historiadores chineses como o tempo do “Grande Salto para Frente”. Ainda em 1956, sob a orientação de Mao Zedong, presidente do PCCh, o jornal *Diário do Povo* — órgão porta-voz do partido comunista e do governo chinês — publicou um editorial chamando o país para “edificar o socialismo mais

² Xue Muqiao, Su Xing, Lin Zeli, *A Transformação Socialista da Economia Nacional na China*. Beijing, Editora das Línguas Estrangeiras, 1975, pp.149-150.

³ Cf. Ding Shu, *O Desastre dos Homens*, Hong Kong, editora Jiushi Niandai Zhazhishe (editora da revista Década Noventa), 1997. Ver o artigo de Liu Pengbo (ex-secretário de Deng Zhihui), publicado na Revista *Perspectivas do Campo* (*Xiangcun Weilai*), no 2, 1988.

rápido, melhor e mais econômico”.⁴ Em março de 1958, essa *linha geral* proposta por Mao foi aprovada pelo Comitê Central do PCCh.

A expressão “Grande Salto” apareceu primeiramente no editorial do *Diário do Povo*, em 13 de novembro de 1957, afirmando que a cooperação agrícola havia criado a condição e a necessidade para realizar um *grande salto* na produção agrícola. O jornal clamou por *grandes saltos* em todos os setores da economia.

No final de 1957, no campo, os dirigentes do PCCh começaram a mobilizar os camponeses para novas tarefas gigantescas de controle de águas e irrigação, como para provar que a vontade e a força humanas podiam vencer a todos os desafios naturais e técnicos. Em novembro de 1957, 70 milhões de pessoas trabalharam nas obras de conservação d’água. Em dezembro, 80 milhões estavam trabalhando nas obras hidráulicas. No final de janeiro de 1958, 100 milhões de camponeses tinham presumivelmente aberto 7,8 milhões de hectares de terras, através de obras de irrigação.

Não obstante, a coação quase militar ao trabalho, nos projetos de irrigação, gerou novos problemas sociais, à medida que os homens eram afastados das cooperativas para trabalhar longe de casa. Uma solução para esse problema era persuadir as mulheres do campo a assumirem um papel maior no trabalho agrícola fora do lar. Uma vez que para tanto era essencial liberá-las do trabalho doméstico, houve tentativas de centralizar o cuidado das crianças e as tarefas domésticas, inclusive a preparação de refeições.

Em consequência, as cooperativas, de dezenas ou centenas de famílias, começaram a ser transformadas em grandes cooperativas, com 5 a 6 mil famílias (ou seja, 20 a 30 mil pessoas). Em março de 1958, na conferência de Chengdu, Mao incentivou à formação de *grandes cooperativas*, que centralizariam as atividades produtivas da zona rural, sobretudo, o empreendimento industrial, a produção agrícola, o comércio, a educação e a formação das milícias.⁵

Em abril de 1958, na região Cha-ya-shan do condado (*xian*) de Suiping, da província de Henan, 20 *cooperativas avançadas* se juntaram e formaram uma *grande cooperativa*, batizada inicialmente como “fazenda coletiva Sputnik”. Essa fazenda coletiva seguia o modelo dos *kolkhozs* da União Soviética, com o nome escolhido em comemoração do lançamento do satélite soviético “Sputnik”, em setembro de 1957. Em maio, a

⁴ *Diário do Povo*, 1 de janeiro de 1956.

⁵ Revista Estudos históricos do Partido, no.2, 1986.

“fazenda coletiva Sputnik” foi rebatizada como “Comuna Popular de Cha-ya-shan”.⁶

Mao elogiou o surgimento da Comuna Popular como “embrião do comunismo”. Em 9 de agosto, discursou na província de Shandong: “As comunas poupares são vantajosas. Uma das vantagens é unir cada setor— a indústria, a agricultura, o comércio, a educação e as milícias. Isto facilitará a direção [do partido]”. Mao resumiu as características principais das comunas populares: a primeira, “grande” e a segunda, “igualitária” (*yi-da-er-gong*). Cada comuna consiste em 10 mil pessoas ou até 10 mil famílias, e é administrada como se fosse um quartelão militar, onde cada componente é um combatente efetivo, e recebe gratuitamente a comida e as roupas.⁷

“O comunismo é o paraíso e a comuna popular é a sua ponte”— eis o *slogan* que se espalhou em todo o país a partir do segundo semestre de 1958. No condado de Xushui da província de Hebei, os quadros do partido colocaram um *slogan*: *Entrar no comunismo num passo só!* Dias depois, o *Diário do Povo* publicou uma reportagem sobre o avanço do comunismo em Xushui e afirmou: “Num futuro próximo, as comunas populares da região levarão o seu povo ao mais alto paraíso do céu. Isto é, a cada um de acordo com a sua necessidade. Isso significaria pular do reino da necessidade para entrar direto no reino da liberdade”.⁸

Devemos lembrar que não só Mao, mas também os outros líderes do partido, como Liu Shaoqi (1898-1969), foram contagiados por essa euforia.⁹ Numa conversa com os visitantes da delegação do Partido Comunista Italiano, Liu disse

⁶ Ver reportagem sobre a Comuna Popular de Cha-ya-shan publicada na revista *Bandeira Vermelha*, no.7, 1958.

⁷ No decurso, as pequenas cooperativas se tornaram *equipe de produção* (*sheng-chan-dui*) e dezenas de equipes formaram uma *brigada de produção* (*sheng-chan da-dui*). Uma comuna típica abrangia dezenas de brigadas, com 2 mil famílias ou cerca de 10 mil pessoas. Comunas de 6 mil famílias foram permitidas, dependendo da condição local. Os condados (*xian*) foram reorganizados com dezenas de comunas. Dezenas de condados formaram um distrito (*diqui*) e diversos distritos formaram uma província (*sheng*).

⁸ *Diário do Povo*, 1 de setembro, 1958.

⁹ Liu Shaoqi (1898-1969), um dos líderes do PCCh, foi eleito vice-presidente do novo governo popular em setembro de 1949. Em 1959 foi eleito presidente do governo e reeleito para o mesmo cargo em 1965. Desde 1959, ele foi considerado “sucessor” de Mao Zedong, presidente do PCCh. A partir de 1962, surgiram divergências entre os dois, Liu Shaoqi foi afastado de todos os cargos por Mao e condenado como “traidor” da causa revolucionária em 1969. Morreu no mesmo ano por causa de torturas.

Agora, em termos da distribuição de grãos, a zona rural está praticando o princípio comunista a cada um de acordo com a sua necessidade. A partir de 1963, a moradia e as roupas também serão distribuídas de acordo com a necessidade de cada um. Isto é o comunismo.¹⁰

FEBRE DO AÇO

Na indústria, o Grande Salto começou com a “febre de aço”. Apesar dos abalos e tumultos de 1956, a partir da segunda metade de 1957 o campo socialista estava em euforia. Em agosto, a União Soviética lançou o míssil balístico intercontinental (ICBM), e em setembro, colocou em órbita com êxito o “Sputnik”, o primeiro satélite artificial do mundo. Em 6 de novembro de 1957, Khrushchev anunciou que a União Soviética ultrapassaria os Estados Unidos em 15 anos, na produção dos principais produtos, como aço, petróleo, cimento etc. Mao Zedong fez sua segunda e a última viagem para Moscou, participando da comemoração do quadragésimo aniversário da Revolução de Outubro. Em 18 de novembro de 1957, na reunião dos representantes dos partidos comunistas (e trabalhistas) vindos de 64 países do mundo, Mao afirmou: “O vento do Oriente está prevalecendo sobre o vento do Ocidente”. Na esteira de Khrushchev, ele declarou que, em 15 anos, a China ultrapassaria a Inglaterra na produção de aço.

Em dezembro de 1957, a Comissão Nacional do Planejamento anunciou a meta de aço para 1958: 6,25 milhões de toneladas, um crescimento de 17% sobre 1957 (5,35 milhões de toneladas). Em junho de 1958, a mesma meta aumentou para 10,70 milhões de toneladas (100% sobre 1957).

Não obstante, a produção de aço do país foi de apenas 0,7 milhões de toneladas por mês até julho. De janeiro a julho de 1958, a produção total do país era 4,5 milhões de toneladas. O que fazer para atingir 100% de aumento?

Para cumprir a meta, Mao decretou a campanha do aço. O primeiro-ministro Zhou Enlai (1898-1976) dividiu os ministérios em 8 grupos, cada um responsabilizado pela montagem dos fornos de aço no

¹⁰ “Conversa de Liu Shaoqi com a delegação do Partido Comunista Italiano em 12 de outubro de 1959”, em *Testemunhos Históricos*, publicado em 1968 pelos Guardas Vermelhos do Primeiro Ministério da Indústria Mecânica, do Instituto da Indústria Mecânica e do Segundo Ministério da Indústria Mecânica. Cf. Ding Shu, *O Desastre dos Homens*.

seu respectivo setor. No prédio da Comissão de Planejamento, os funcionários improvisaram um forno artesanal, cortaram os arames de ferro para produzir “aço”. No Ministério da Cultura, as autoridades mobilizaram os artistas para se vangloriar do Grande Salto e montar um forno de aço no quintal do prédio. O Ministério das Relações Exteriores também construiu um forno. A febre do aço contagiou inclusive Madame Soong Ching-ling (a viúva do falecido revolucionário Sun Yatsen), que também montou um forno no jardim da própria residência. Todas as faculdades na capital montaram fornos nos seus *campi*.

Mais de 20 províncias da China estavam empenhadas na corrida pelo aço. Noticiava o *Diário do Povo*: “Na província de Henan, 6 milhões de pessoas estão fabricando o aço.”¹¹ A Agência de Notícias Xinhua disse em 13 de outubro que, em Sichuan, 8 milhões trabalharam para os fornos do aço. O *Diário de Yunnan* anunciou em 15 de outubro que, em toda a província, 3 milhões estavam envolvidos na fabricação do aço.

Segundo notícia da Agência Xinhua, em setembro de 1958, mais de 50 milhões de pessoas trabalharam para a campanha de aço. Em outubro, 60 milhões foram mobilizadas para fabricar aço. Em dezembro, mais de 90 milhões trabalharam nos fornos de quintal. Se incluirmos a participação dos residentes das cidades, os funcionários do governo, os alunos das escolas primárias e secundárias, os estudantes das faculdades e os soldados do exército, podemos afirmar que os envolvidos chegaram a 100 milhões, ou seja, um sexto da população chinesa.¹²

CICLOS MENTIROÇOS

Numa conferência de trabalho do Comitê Central do PCCh, realizada em janeiro de 1958, na cidade de Nanning (a capital da província de Yunnan), Mao propôs a idéia dos “duplo planos”. São dois planos para o governo central: o “Plano I” é obrigatório e divulgado oficialmente; o “Plano II” é a expectativa da ultrapassagem do “Plano I”, que não será divulgado oficialmente. Seguindo os passos do governo central, as províncias também elaboram os seus “planos III”, que eram obrigatoriamente, baseados no “Plano II” do governo central, e o “Plano IV”, que era a expectativa da ultrapassagem do “Plano III”. Seguindo as províncias, os distritos (*diqu*, cada um consiste em dezenas de condados)

¹¹ *Diário do povo*, 12 de outubro de 1958.

¹² Jin Shengji, *Crônicas do People's Hall (renmin dabuitang jianwenlu)*. Beijing: Editora da História do PCCh (zhonggong dangshi chubanshe), 1998. Vol.1, pp.259-260.

e os condados (*xian*, cada um consiste em vintenas de comunas populares) terão “planos V e VI” e “planos VII e VIII” respectivamente. Em consequência dessa inflação espiral, as metas de produção se tornaram cada vez mais surrealistas.

Devemos admitir que a *intenção original* do presidente Mao não foi atizar um ciclo mentiroso, o que Mao queria era “edificar o socialismo o mais rapidamente possível”. O que aconteceu foi que os “duplos planos” empurraram os quadros do partido à mentira. Para demonstrar esse “ciclo mentiroso”, tomamos o caso dos cereais. Na conferência de Nanning, em janeiro, foi definido o “Plano I” da produção dos cereais, que era de 196 milhões de toneladas para 1958 (5,9% sobre 1957); em março, numa outra conferência de trabalho do PCCh, realizada na cidade de Chengdu (a capital da província de Sichuan), foi definido o “Plano II”, que elevou essa meta para 215,8 milhões de toneladas (16,6% sobre 1957). Os governantes locais também fizeram novos aumentos. No nível de condados, a meta de produção de cereais para 1958 foi acumulando até 60 a 70% de aumento em relação ao ano anterior.

A meta de algodão para 1958, no “Plano I”, foi fixada em 1,75 milhões de toneladas (6,7% sobre 1957). Em março, foi proposto o “Plano II”: 2,05 milhões de toneladas (24,8% sobre 1957). Em maio, a meta foi novamente modificada, dessa vez, aumentando para 2,40 milhões de toneladas (47% sobre 1957). No nível local, a meta de algodão para 1958 chegou a 3,50 milhões de toneladas (114% sobre 1957).

Em consequência desse *ciclo mentiroso*, todos os 2 mil condados da China soltaram os seus “Sputniks”— relatos fantasiosos, tão fantásticos como se fosse o lançamento do Sputnik na União Soviética. O *Diário do Povo* disse que a produção de trigo alcançara 54,9 de toneladas por hectare (lembre-se que em 1957, a produção média de trigo era apenas 3 de toneladas por hectare). No caso de arroz, a província Hubei anunciou que a produção atingira 277,5 de toneladas por hectare (até hoje, a produção de arroz ainda é de menos de 7,5 de toneladas por hectare). Logo em seguida, a província Anhui anunciou que a produção de arroz por hectare atingira 322,5 de toneladas.¹³

Além do *Diário do Povo* e dos outros jornais do país, o Estúdio dos Filmes Documentários do Comitê Central também era uma fonte dos *Sputniks mentirosos*. O estúdio lançou um filme documentário intitulado o “Fervor de Guangxi”, no qual mostrou o espetáculo das colheitas do condado de Luocheng - uma região subdesenvolvida do Sudoeste da

¹³ Ding Shu, O Desastre dos Homens.

China - que acabara de “soltar um sputnik”: colhera 975 de toneladas de arroz em apenas um hectare de terra.¹⁴

Para se ter uma idéia do tamanho da mentira, basta fazer um simples cálculo: em 1958, a China tinha cerca de 5 milhões de hectares de plantação de arroz. Se fosse verdadeira a colheita “sputnik” de Luocheng, no ano de 1958, o país poderia colher 4,875 bilhões de toneladas de arroz (multiplicando 975 por 5 milhões) - o que seria 24 vezes mais do que a safra do país (em 1958, a China produziu apenas 200 milhões de toneladas de grãos).

A euforia durou vários meses, enquanto os números impressionantes da produção relatados pelos quadros rurais do partido eram multiplicados pelos líderes provinciais antes de serem enviados a Pequim. Os números da produção tinham sido desastrosamente inflacionados. O total anunciado para 1958, de 375 milhões de toneladas de grãos, seria revisado e reduzido para 250 milhões, e em 1983, as autoridades chinesas aceitaram que a produção era em torno de 200 milhões de toneladas (tabela 7).

Nenhum funcionário do partido ousara questionar os números, por medo de ser rotulado de “direitista” ou “derrotista”. Além disso, muitos dos economistas e sociólogos haviam sido condenados à “reeducação” durante a campanha antidireitista de 1957, portanto, não estavam em condições de anunciar palavras de cautela.¹⁵

Num círculo concêntrico, as mentiras se tornaram cada vez mais verdadeiras e as verdades, cada vez mais distantes.

A GRANDE FOME

Enquanto Mao estava reprimindo os críticos do *Grande Salto*, os camponeses de todo o país já estavam famintos em suas aldeias. A quantidade média de grãos disponível para cada pessoa no campo, que fora de 205 quilos em 1957 e 201 quilos em 1958, caiu para desastrosos 183 quilos em 1959 e catastróficos 156 quilos em 1960. Em 1961, a média de produção caiu de novo, desta vez para 154 quilos. O resultado foi uma fome em escala gigantesca, que ceifou cerca de 20 milhões de vidas entre

¹⁴ Revista Ilustrada de Filmes (Dianying Huabao), n. 2, 1959.

¹⁵ Para mais informações sobre a Campanha Anti-direitista de 1957, ver Shu Chang-Sheng, “Movimento das Cem Flores: uma reflexão sobre a relação entre os intelectuais chineses e o Estado”, tese de doutorado defendida em 2002 no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

1959 e 1962. Muitos outros morreram pouco depois dos efeitos do Grande Salto, sobretudo crianças, enfraquecidas por anos de desnutrição. Na China de 1957, a idade média dos que morriam fora de 17,6 anos; em 1963, caíra para 9,7. Em outras palavras, metade dos que morreram naquele ano tinham menos de dez anos de idade. O *Grande Salto para Frente* acabou se tornando um grande salto para trás.¹⁶

A fome arrastou todo o país, de norte a sul. Em abril de 1961, quando Liu Shaoqi viajou para a sua terra de origem, o condado de Ningxiang da província de Hunan, ficou sabendo que a fome matara um filho da sua irmã em 1960, o pior ano do *Grande Salto*, quando os camponeses do condado só tinham cascas de árvore para se alimentar. Alguns aldeãos contaram a Liu Shaoqi que, na vila onde ele nascera, muitas pessoas morreram ou desertaram da roça.

Para investigar a gravidade da fome, tomamos o caso da província de Anhui, uma das mais atingidas do país. De acordo com as estatísticas oficiais, em 1959, a população de Anhui era de 34,2 milhões, e no final de 1961, este número diminuiu para 29,8 milhões (tabela 1). No condado de Fengyang, cuja situação foi particularmente grave, entre 1959 e 1960, 60.245 pessoas morreram, 17,7% de uma população de 335.698; 8.404 famílias pereceram, 27 aldeias se tornaram comunidades-fantasma.¹⁷

A província de Henan também foi abalada pela fome, e nela morreram cerca de 2 milhões de pessoas.¹⁸ No distrito (*diqui*) de Xinyang que tinha 10 condados sob a sua jurisdição, a morte por fome atingiu quase 1 milhão de pessoas. Para manter os restaurantes comunais, os quadros do partido procuravam os grãos escondidos pelos camponeses. De novembro de 1959 (o início da fome generalizada) até julho de 1960, foram detidas mais de 10 mil pessoas, e 700 delas morreram de fome nas casas de detenção.¹⁹

O “caso de Xinyang” se tornou tão grave que, em 1961, o comitê regional do partido foi obrigado a apresentar ao comitê central um relatório sobre as perdas da colheita, a fome, a desnutrição, a mortandade e a fuga da população. Segundo este relatório, até a primavera de 1960, 80 mil pessoas morreram num condado e 100 mil morreram noutro. Na comuna popular de Cha-ya-shan (do condado de Suiping), a primeira

¹⁶ SPENCE J., *Em Busca da China Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 550.

¹⁷ MACFARQUHAR, Roderick. *The origins of the Cultural Revolution, vol.3: The Coming of Cataclysm, 1961-1966*. New York: Columbia University Press, 1997.

¹⁸ “O informe do comitê de Henan ao Comitê Central”, Su Xiaokang, *Elegia à Utopia*, p. 390.

¹⁹ Su Xiaokang, *Elegia à Utopia*, p.390.

comuna popular do país, 4 mil camponeses morreram - cerca de 10% da população total da comuna.²⁰

Para resolver a crise e enfrentar as atividades “contra-revolucionárias” provocadas pela fome, uma força-tarefa de 4.633 oficiais (entre eles, 359 do governo central) foi enviada para Xinyang. Em 1962, os dirigentes de Xinyang foram demitidos dos cargos e os principais responsáveis receberam a pena de morte.

Mesmo nas províncias menos afetadas, como a Hebei, morreram os doentes, os idosos e bebês. Esposas foram vendidas por comida. Autoridades das brigadas de produção autorizavam os camponeses a mendigar. Os revoltosos saquearam os armazéns públicos e tropas do governo foram enviadas para defender os armazéns.

A província de Sichuan, a mais populosa do país, também sofreu quedas dramáticas da população. Em 1957, a população dessa província chegou ao pico de 70.810.100, e em 1961, ela caiu para 64.591.800. Em 1957, a população cresceu numa velocidade de 100.217 pessoas por mês, e em 1962, quando o país começou a se recuperar do *Grande Salto*, o crescimento mensal foi de 72.219 pessoas; em 1957, nasciam a cada mês 170.744 pessoas, em 1962, somente 151.091.²¹

Em Beijing, a capital do país, uma cidade privilegiada, a morte anual subiu de 320.000 em 1957 para 790.000 em 1960. Nos piores momentos, os funcionários do jornal *Diário de Beijing* e os jornalistas da Agência de Notícias de Xinhua tinham apenas folhas de milho para se alimentar. Muitas pessoas sofreram edemas causados pela desnutrição. Os principais líderes do país também demonstraram sua vontade de sofrer junto com o povo: Mao retirou a carne do seu cardápio por cerca de 7 meses em 1960, e outros dirigentes, como Zhou Enlai e Liu Shaoqi, também não consumiram carne nesse período.

Vale a pena mencionar que, nos campos de concentração (os *gulags* chineses), os prisioneiros enfrentaram condições muito piores que em qualquer outro lugar do país. A estimativa é que 20% dos presos morreram de fome durante 1959 a 1961.²² Um aluno do Instituto de Estudos Étnicos do Noroeste, Sha Yunqing, foi acusado de “direitista”

²⁰ “Relatório do Distrito de Xinyang sobre a Retificação, o Alívio dos desastres e a Recuperação da produção”, 22 de dezembro, 1961. Apud. *Onda Gigantesca do Grande Salto*, Xie Chuntao, p.203.

²¹ MACFARQUHAR, Roderick. Idem. p.2.

²² DING Shu, *Armadilha Aberta: Antes e Depois da Campanha Anti-direitista* (Yang Mou: Fanyou Qianhou). Hong Kong: Editora da revista *Jiusi Niandai*, 1995. p. 361-362.

em 1957 e condenado a 15 anos de prisão no início de 1958. Ele cumpria a pena numa cadeia da província de Qinghai. Durante a Grande Fome, dos 25 prisioneiros da cela, só sobreviveram ele e um outro preso.²³

Afinal, quantas pessoas morreram em todo o país? De acordo com a estatística oficial (final de cada ano), a população total, em 1959, era de 672,07 milhões; em 1960, era de 662,07 milhões, e de 658,59 milhões em 1961. Por isso, nos relatórios oficiais, a perda da população entre 1959 e 1960 foi de 10 milhões, e entre 1960 e 1961, a perda foi de 3,48 milhões. Os analistas ainda debatem sobre as estimativas da mortalidade, que variam de 17 a 40 milhões, sem uma conclusão final.²⁴ No caso da revista americana *Population and Development Review*, que publicou um artigo em dezembro de 1984, intitulado “Famine in China: 1958-61”, os autores (Basil Ashton et al.) mencionaram mais de 3 estimativas, 23, 27 e 30 milhões.²⁵

DESASTRE HUMANO

Em 1 de julho de 1958, no 37º aniversário do Partido Comunista Chinês, todos os jornais do país publicaram o discurso de Mao: “Em futuro breve, em todo o país, cada pessoa receberá, por ano, cerca de 500kg de grãos alimentícios, 50kg de carne suína por ano, 10kg de óleo culinário e 10kg de algodão...” Mao não disse quão breve seria esse futuro “comunismo de goulash”.²⁶ Ao contrário, em menos de 2 anos, ele levou o país a uma grande fome, que ceifou milhões de vidas.

Por que faltou a comida?

A *primeira causa* foi que, com a dedicação da população aos fornos do aço e às obras de conservação d’água, as plantações deixaram de ser colhidas, por falta de colhedores. Em 12 de outubro de 1958, o *Diário do Povo* alertou: “Agora, o algodão já floresceu, em algumas regiões já está maduro. Exceto em pouquíssimos lugares, a maioria absoluta das regiões ainda não colheu nada. É uma situação muito grave. Se chover, estará perdida toda a colheita”. O jornal fez o alerta, mas não chamou os camponeses a suspender a fabricação do aço e voltar para a colheita; ao

²³ Ding Shu, *O Desastre dos Homens*. Hong Kong: Editora Jiushi Niandai Zhazhishe (editora da revista Década Noventa), 1997.

²⁴ Judith Banister, *China’s Changing Population*. Stanford University Press, 1987, p.85.

²⁵ Ding Shu, *idem*.

²⁶ Conversa de Mao com o diretor da Comuna de Yingjü, do condado de Shangqiu de Henan, em 14 de junho, 1958.

contrário, ele disse: “A tarefa mais importante ainda é implementar corretamente as políticas do presidente Mao de *agarrar o aço com uma mão e a agricultura, com a outra...*” [itálico meu]

Lembrou o então Vice-Ministro das Obras Hidráulicas, Li Baohua: “Viajando para a Represa D’água de Miyun [no subúrbio de Pequim], no caminho vi os fios de algodão voando ao vento, cobrindo todo o céu como se estivesse nevando. Estávamos sem colhedores, porque todos os camponeses foram fabricar aço e montar diques. Foi uma boa produção sem boa colheita.”²⁷

Os fornos de aço e as obras hidráulicas fizeram milhões de camponeses se afastarem das atividades agrícolas. Tomemos o exemplo da província de Shanxi: no campo, a maioria da mão-de-obra masculina se afastou do cultivo, deixando apenas mulheres, crianças e idosos para cuidar da plantação.²⁸ As outras províncias também se encontravam na mesma situação. No condado de Tongwei, da província Gansu, em junho de 1958, foram recrutados 23 mil camponeses para realizar obras hidráulicas, 13 mil para trabalhar nos fornos de aço; em consequência, mais de 30% da mão-de-obra foi afastada da lavra. Em setembro, 50 mil camponeses foram convocados para trabalhar nas obras de conservação d’água; e em outubro, mais de 25 mil, para reforçar os diques. No final, só restaram as mulheres, as crianças e os idosos para colher os frutos do trabalho. A plantação de trigo do inverno não foi colhida por falta de mão-de-obra. Quando o ministro Peng Dehuai visitou uma aldeia, só encontrou um idoso para se informar da situação.²⁹

A *segunda causa* da falta de alimentos foi que as lutas pelo poder, que culminaram no expurgo do Ministro da Defesa Peng Dehuai e na consequente campanha nacional contra o “oportunismo da direita”, impediram a correção dos “desvios para a esquerda”, agravando os problemas da coletivização forçada e as crises no campo. Desde o início de 1958, o Ministro da Defesa, Marechal Peng Dehuai, (1898-1974) visitou vários lugares do país e testemunhou os desastres causados pelo *Grande Salto para Frente*. O próprio Mao também percebeu alguns “desvios” e permitiu algumas tentativas de restringir as comunas e voltar ao planejamento central antes mesmo da reunião do Comitê Central em Wuhan, em dezembro de 1958. No início de 1959, algumas comunas já estavam voltando às suas formas cooperativistas anteriores, e em algumas

²⁷ Ding Shu, *idem*.

²⁸ Revista *Documentos do Partido* (Dangshi huibian), 1986, no.3, p.20.

²⁹ Ding Shu, *idem*.

regiões, lotes particulares foram novamente distribuídos para famílias individuais. Em julho de 1959, foi convocada por Mao uma conferência nacional dos altos dirigentes para solucionar os problemas no campo. Nessa reunião, realizada em Lushan, um famoso ponto turístico da China, Mao enfrentou muitas críticas. Peng Dehuai criticou o programa extremista de Mao e expressou sérias dúvidas acerca dos números da colheita de grãos que foram anunciados para 1958, e, numa carta particular que entregou a Mão, em Lushan, explicou as suas preocupações quanto às crises no campo e os seus efeitos negativos sobre a nação. Nesta carta, Peng também apontou o “aventurismo burguês” do *Grande Salto*.

Ao invés de tratar a carta como uma comunicação particular de um companheiro, Mao fez com que ela circulasse entre todos os quadros do partido presentes e lançou uma denúncia pessoal a Peng, acusando-o de formar uma “camarilha oportunista de direita”, e de “atividade antipartidária”, apesar de nunca ter existido nenhuma prova concreta contra o marechal. Peng foi afastado de todos os cargos oficiais e colocado em prisão domiciliar. Em setembro, foi lançada uma campanha nacional de repressão aos “oportunistas da direita”, ou seja, os supostos seguidores de Peng Dehuai. Em consequência, o país perdeu a melhor oportunidade para corrigir os erros do *Grande Salto*.

A terceira causa da falta de comida foi que, ao invés de corrigir os “desvios esquerdistas”, como fora planejado antes da reunião de Lushan, Mao expurgou milhares de “oportunistas da direita” e insistiu no radicalismo socialista, empurrando o país para o precipício. Em fevereiro de 1960, o Comitê Central mandou consolidar os restaurantes comunais, ora definidos como a “frente do socialismo”. Antes da reunião de Lushan, na província de Shanxi apenas 20% da população faziam refeições nos restaurantes comunais; em 1960, quase 90% da população rural dessa província foi obrigada a comer nos restaurantes, incluindo os moradores das montanhas. Até abril de 1960, 89% da população em 14 províncias aderiram aos restaurantes.³⁰

Os camponeses atravessavam rios e montanhas só para fazer refeições. O Vice-Ministro do Trabalho Rural do Comitê Central do Partido, Gao Yang, foi acusado de “oportunista da direita” e condenado a trabalhar numa fazenda na província de Guizhou, no Sudoeste da China. Ele lembrou:

³⁰ Revista Estudos Históricos do Partido, 1986, n. 6.

Minhas duas filhas me acompanhavam nas jornadas para o restaurante. Atravessávamos os morros e, quando chegávamos ao local, enfrentávamos filas gigantescas. Depois de horas de espera, trazíamos de volta para casa apenas uma panela de sopa de tofu (...) ³¹

Para agravar ainda mais a situação, em janeiro de 1960, na reunião de Xangai, o Comitê Central decidiu reforçar o igualitarismo e a grandiosidade das comunas populares através da chamada “igualação e centralização” (*yi-ping-er-diao*). O PCCh tentou “igualar” as riquezas entre as comunidades mais abastadas e as mais carentes, tirando os recursos das mais ricas para ajudar as mais pobres. Pela “centralização”, o PCCh permitiu às comunas populares centralizarem os recursos das equipes de produção, o que, na verdade, era uma medida de confisco das comunidades rurais. Em consequência, além dos camponeses, os dirigentes das aldeias também perderam o interesse pela coletivização.

Para resumir, citamos a crítica do escritor Zhao Shuli, que testemunhou as graves consequências da coletivização forçada. Em agosto de 1958, Zhao escreveu uma carta para os dirigentes da província Shanxi em que ele afirmava

Entramos no socialismo, mas faltaram a comida, a lenha e o dinheiro(...) Trabalhamos muito mais do que antes, mas a vida se tornou cada vez mais difícil. O que queria o socialismo? Quem se interessaria pela produção coletiva? ³²

MODELO DE ANHUI

A partir de junho de 1960, Zhou Enlai começou a discutir com os ministros a falta de grãos. Na época, as cidades de Xangai, Beijing, Tianjin e Shenyang só tinham estoques para poucos dias e em alguns locais só havia reserva para um dia. O Vice-Primeiro-Ministro Chen Yun (1905-1995) sugeriu importar os grãos e a sua proposta foi aprovada por Zhou Enlai. Por razões ainda não conhecidas, só no fim do ano Mao deu o sinal verde para a importação.

Em dezembro de 1960, Zhou Enlai decidiu importar 1,5 milhão de toneladas de trigo do Canadá e da Austrália, e Chen Yun aumentou a

³¹ Ding Shu, *idem*.

³² Materiais históricos da nova literatura [Xin Wenxue Shiliao], 1983, n. 3.

importação para 2,5 milhões de toneladas (no final de 1961, a China importou 5,8 milhões de toneladas de trigo). O primeiro navio de trigo chegou ao Porto de Tianjin no início de 1961. Cerca de 1.200 caminhões foram anteriormente importados para transportar e distribuir esse trigo. Os grãos importados sustentaram a população urbana do país por mais de 4 meses, até junho de 1961, quando chegou a nova colheita de trigo.

A importação de trigo aliviou a fome, mas não resolveu o problema. Para aumentar a produção, era preciso devolver a liberdade aos camponeses e incentivá-los a produzir mais.

Desde a coletivização, os camponeses já vinham reivindicando a “terra da responsabilidade”, isto é, cada família cooperada cultivar uma determinada área de terra da coletividade, entregar uma parte da colheita para a comuna e ficar com o resto.

Em 1960, no condado de Suxian, da província de Anhui, um velho aldeão de 72 anos pediu ao secretário da comuna que o deixasse trabalhar individualmente. O pedido foi acolhido. Na colheita do outono, além de garantir o próprio consumo, o velho entregou para a sua comuna 900 quilos de grãos e o valor de 60 yuans da venda de aves e porcos.

O primeiro secretário de Anhui, Zeng Xisheng, era fanático pelo *Grande Salto*. Depois da morte de quase 2 milhões de camponeses, ele mudou de posição. Em agosto de 1960, numa reunião com os secretários dos distritos e condados, Zeng propôs a distribuição das “terras salvas-vidas” - distribuir uma parte das terras da comuna para os camponeses cultivarem e se alimentarem.

Do fim de 1960 ao início de 1961, Anhui foi a primeira província do país a praticar “três liberdades e um contrato” (*san-xi-yi-bao*: feira livre, lotes de terra particulares, lucros e perdas por conta própria e contratos de produção familiar). Zeng Xisheng fez uma investigação e descobriu que, nas equipes de produção que “emprestaram” terras para os camponeses plantarem, a produção aumentara 39% em relação a 1960; nas equipes que não fizeram a experiência, o aumento foi de apenas 12%. Os camponeses das primeiras trabalharam menos e colheram mais. Assim, Zeng ficou convencido das vantagens da produção familiar e manteve a experiência. Liu Shaoqi, Deng Xiaoping e Chen Yun também apoiaram a idéia da produção familiar sob contrato.³³

Mao sabia que os camponeses preferiam contratos de produção individual, mas achou que a prática seria uma *restauração capitalista*.³⁴ No

³³ Discurso de Liu Shaoqi em Junho de 1962, *Testemunhos da história*, p.95.

³⁴ Revista *Estudos Históricos do Partido*, 1984, n. 2, p. 21.

final de 1960, reconhecendo a gravidade do problema, ele começou a moderar as suas políticas radicais. Em 3 de novembro, propôs “12 pontos”: a propriedade coletiva até o nível das equipes de produção; as equipes como a unidade básica de contabilidade; a devolução total, para as equipes, dos recursos confiscados pelas comunas populares durante a “igualação e a centralização”; a distribuição segundo o trabalho de cada um; pequenos lotes de terra para os camponeses, etc. No entanto, Mao considerava os contratos de produção familiar como uma *restauração do modo de produção capitalista*. Na “reunião de 7 mil” [de 7 de janeiro a 7 de fevereiro, 1962], Mao expurgou Zeng Xisheng por “representar os interesses dos camponeses ricos” e por “praticar o capitalismo e o revisionismo”.³⁵

O ano de 1962 é geralmente considerado como o início do racha entre o partido e o seu líder, Mao Zedong. Em fevereiro de 1964, Mao disse a Kim Il Sung, líder máximo da Coreia do Norte, que estava visitando a China

No início de 1962, dentro do nosso partido, alguns reivindicaram três liberdades e um contrato, os seus propósitos eram dissolver a economia coletiva e derrubar o sistema socialista(...) essas pessoas são membros do Comitê Central, secretários do partido, vice-primeiros ministros. Elas têm seguidores em cada ministério, cada província e cada comitê local (...).³⁶

CONCLUSÃO

Por causa da resistência dos camponeses, dos erros do Comitê Central do partido e sobretudo, do presidente Mao, o Grande Salto para Frente se transformou na Grande Fome, um dos maiores desastres humanos da história chinesa. A partir do segundo semestre de 1960, Mao, relutantemente, abandonou a ilusão de que a China poderia se tornar uma superpotência de um dia para outro.

Com o Grande Salto, Mao esperava que os esforços super-humanos do povo chinês pudessem tirá-lo da pobreza, mas os seus erros políticos e econômicos levaram o país à catástrofe. O fracasso do Grande Salto para Frente mudou o pensamento da maioria dos dirigentes acerca

³⁵ Ding Shu, *idem*.

³⁶ Estudos Históricos do Partido, 1985, n. 6, p. 44.

do tipo de desenvolvimento que o país deveria tomar. Liu Shaoqi, presidente do governo, aparente sucessor de Mao, havia se alistado sob a bandeira de Mao e ajudou-o a expurgar o Ministro da Defesa Peng Dehuai durante a reunião de Lushan, em julho de 1959; mas depois da morte de milhões de camponeses (inclusive de seu sobrinho), Liu acordou da “febre” e se tornou líder da facção pragmática do partido.

Vale lembrar que o Grande Salto para Frente foi um plano político e econômico lançado num momento de grandes crises no campo socialista, causadas pelo “relatório secreto” de Khrushchev contra Stalin, no XX Congresso do PCUS, em fevereiro de 1956. Em resposta ao “novo revisionismo” de Khrushchev, Mao implementou uma série de políticas radicais, como a Campanha das Cem Flores, em 1957,³⁷ e o Grande Salto para Frente em 1958. A partir de 1960, Beijing e Moscou envolveram-se em polêmicas acerca de uma gama de assuntos nacionais e internacionais, quando Mao começou a desafiar abertamente a competência de Khrushchev para ditar as políticas do socialismo mundial.

O colapso do Grande Salto para Frente e o conseqüente colapso da utopia coletivista na China tiveram um impacto profundo sobre o pensamento do presidente Mao. Fracassado na transformação material da China, ele começou a concentrar toda a sua energia na luta contra o “revisionismo”, representado por Liu Shaoqi e a maioria dos quadros do partido. Desde 1962, o partido e o seu presidente começaram a se distanciar. Então, Mao começou a preparar sua Revolução Cultural, para preservar a vitalidade da revolução chinesa e exorcizar o “revisionismo” e os seus seguidores no interior do PCCh. O “armageddon” iria acontecer em 1966, mas esse tema é objeto para outros estudos.

³⁷ Cf. Shu Chang-sheng, “Movimento das Cem Flores: uma reflexão sobre a relação entre os intelectuais chineses e o Estado”.

Tabela 1. Província de Anhui: a produção dos grãos e a população, 1957-1962.

Ano	Grãos (milhões de toneladas)	População
1957	10.270	33.370.244
1958	8.845	33.941.565
1959	7.010	34.265.037
1960	6.746	30.425.058
1961	6.290	29.876.855
1962	6.707	31.335.852

Fonte: Anhui Sheng Tongjijü (ed.), Anhui Sishi Nian (40 Anos de Anhui), p.40,102,123. Cf. MACFARQUHAR, Roderick. *The origins of the Cultural Revolution, vol.3: The Coming of Cataclysm, 1961-1966*. New York: Columbia University Press, 1997, “introdução”, p.2.

Tabela 2. Números de mortes de algumas províncias, 1957 e 1960.

Ano	Gansu	Guangxi	Henan	Hubei	Hunan	Jiangsu
1957	142.041	261.785	572.000	290.600	370.059	424.500
1960	538.479	644.770	1.908.000	670.300	1.068.118	785.900

Fonte: MacFarquhar, p. 3.

Tabela 3. Províncias com o crescimento negativo da população, 1959-1961 (por mil)

	1959	1960	1961
China		-4,57	
Anhui		-57,20	
Gansu		-25,79	
Guangxi		-10,06	-1,77
Guizhou		-19,41	-0,21
Henan		-25,58	
Hubei		-5,00	
Hunan		-9,43	-4,97
Liaoning			-0,30
Qinghai		-27,66	-0,25
Shandong		-4,10	
Sichuan	-30,26	-42,24	-17,61
Yunnan		-2,07	

Fonte: MACFARQUHAR, Roderick. *The origins of the Cultural Revolution, vol.3: The Coming of Cataclysm, 1961-1966*. NY: Columbia University Press, 1997, p.5.

Tabela 4. Taxas de Mortalidade das Províncias, 1957-1962 (por mil)

	1957	1958	1959	1960	1961	1962
Anhui	9,10	16,72	n.d.	68,58*	n.d.	8,23
Beijing	8,19	8,08	9,66	9,14	10,80	8,77
Fujian	7,85	7,46	7,88	15,34	11,87	8,28
Gansu	11,32	21,11	17,47	41,46	11,47	8,24
Guangdong	8,43	9,13	11,74	15,12	10,67	9,32
Guangxi	12,35	11,74	17,49	29,46	19,50	10,25
Guizhou	8,77	13,69	16,18	45,38	17,73	10,41
Hebei	11,30	10,92	12,29	15,84	13,63	9,06
Helongjiang	10,40	9,10	12,80	10,50	11,10	8,70
Henan	11,81	12,70	14,12	39,60	10,18	8,03
Hubei	9,64	9,64	14,50	21,19	9,19	8,76
Hunan	10,41	11,65	12,99	29,42	17,49	10,23
Jiangsu	10,26	9,40	14,55	18,41	13,35	10,36
Jiangxi	11,48	11,34	13,01	16,06	11,54	11,00
Jilin	9,10	9,10	13,40	10,10	12,00	10,00
Liaoning	9,40	8,80	11,80	11,50	17,50	8,50
Neimenggu	10,50	7,90	11,00	9,40	8,80	9,00
Ningxia	11,06	14,98	15,82	13,90	10,71	8,49
Qinghai	10,40	12,99	16,58	40,73	11,68	5,35
Shaanxi	10,30	11,00	12,70	12,30	8,70	9,40
Shandong	12,10	12,80	18,20	23,60	18,40	12,40
Shanghai	6,00	5,90	6,90	6,80	7,70	7,30
Shanxi	12,70	11,70	12,80	14,20	12,20	11,30
Sichuan	12,07	25,17	46,97	53,97	29,42	14,62
Tianjin	9,35	8,66	9,88	10,34	9,89	7,36
Xinjiang	14,00	13,00	18,84	15,67	11,71	9,71
Yunnan	16,29	21,62	17,95	26,26	11,84	10,85
Zhejiang	9,32	9,15	10,81	11,88	9,84	8,61

Nota: Os dados de Anhui divergiram entre si em 3 lugares no *Anhui Fence*, pp.78-79, 91, 130-131 do *Zhongguo Renkou* (População da China), MACFARQUHAR optou pelo mais alto. Ver MACFARQUHAR, Roderick, idem, p.8.

Tabela 5: Taxas de natalidade, 1957-1962 (por mil)

	1957	1958	1959	1960	1961	1962
Anhui	29,75	23,83	19,89	11,35	12,34	53,26
Beijing	42,10	37,02	30,70	33,03	25,70	35,92
Fujian	37,88	29,12	27,56	25,11	17,42	40,16
Gansu	30,00	31,50	19,30	15,50	14,80	41,10
Guangdong	34,99	30,10	24,67	18,96	21,27	43,31
Guangxi	34,52	32,87	24,52	19,40	17,73	39,08
Guizhou	41,12	30,08	26,76	25,97	17,32	41,54
Hebei	29,62	24,45	23,09	20,51	15,13	28,68
Helongjiang	36,58	32,98	30,38	32,50	27,27	35,46
Henan	33,71	33,16	28,07	14,01	15,31	37,50
Hubei	34,36	30,49	26,42	16,41	27,34	42,51
Hunan	33,47	29,96	24,00	19,49	12,52	41,40
Jiangsu	34,48	24,83	20,91	18,56	18,83	33,30
Jiangxi	38,34	30,28	28,64	26,87	21,00	37,19
Jilin	35,46	33,31	28,04	32,51	26,45	40,70
Liaoning	41,90	38,70	28,00	31,80	17,20	34,10
Neimenggu	37,20	28,40	30,80	29,40	22,10	38,20
Ningxia	43,24	39,32	23,80	16,58	13,03	44,60
Qinghai	32,18	27,97	23,02	13,07	11,43	35,72
Shaanxi	32,20	26,70	26,60	27,70	21,10	34,60
Shandong	35,80	25,00	20,90	19,50	21,40	38,10
Shanghai	45,60	36,00	27,80	27,60	22,40	26,30
Shanxi	33,30	28,70	27,50	27,30	19,10	37,70
Sichuan	29,22	24,03	16,71	11,73	11,81	28,01
Tianjin	37,28	34,56	28,49	27,38	20,42	33,68
Xinjiang	31,48	31,03	29,87	28,13	25,16	32,02
Yunnan	36,27	23,61	20,93	24,19	19,40	39,71
Zhejiang	34,94	34,10	26,28	23,52	17,58	36,08

Fonte: MACFARQUHAR, Roderick, idem, p.7.

Tabela 6. Produção dos principais produtos industriais, 1949-1970.

Ano	Carvão (milhão tons)	Petróleo (milhão tons)	Eletricidad e (milhão kwh)	Aço (milhão tons)	Cimento (milhão tons)	Madeira (milhão m3)
1949	32	0,12	4300	0,158	0,66	5,67
1950	43	0,20	4600	0,61	1,41	6,64
1951	53	0,31	5700	0,90	2,49	7,64
1952	66	0,44	7300	1,35	2,86	12,33
1953	70	0,62	9200	1,77	3,88	17,54
1954	84	0,79	11000	2,23	4,60	22,21
1955	98	0,97	12300	2,85	4,50	20,93
1956	110	1,16	16600	4,47	6,39	21,05
1957	131	1,46	19300	5,35	6,86	27,87
1958	270	2,26	27500	8,00	9,30	35,79
1959	369	3,73	42300	13,87	12,27	45,18
1960	397	5,20	59400	18,66	15,65	41,29
1961	278	5,31	48000	8,70	6,21	21,94
1962	220	5,75	45800	6,67	6,00	23,75
1963	217	6,48	49000	7,62	8,06	32,50
1964	215	8,48	56000	9,64	12,09	38,00
1965	232	11,31	67600	12,23	16,34	39,78
1966	252	14,55	82500	15,32	20,15	41,92
1967	206	13,88	77400	10,29	14,62	32,50
1968	220	15,99	71600	9,04	12,62	27,91
1969	266	21,74	94000	13,33	18,29	32,83

Fonte: Liu Suinian, Wu Qungan (orgs.) Breve historia de la economia socialista de China (1949-1984), Beijing Informa, Beijing, China, 1987, p.486.

Tabela 7. Produção dos principais produtos agrícolas, 1949-1984
Unidade: 1 milhão de toneladas

Ano	Grãos	Algodão	Oleaginosos
1949	113,18	0,44	2,56
1950	132,13	0,69	2,97
1951	143,69	1,03	3,62
1952	163,92	1,30	4,19
1953	166,83	1,17	3,86
1954	169,52	1,06	4,31
1955	183,94	1,52	4,83
1956	192,75	1,45	5,09
1957	195,05	1,64	4,20
1958	200,00	1,97	4,77
1959	170,00	1,71	4,10
1960	143,50	1,06	1,94
1961	147,50	0,80	1,81
1962	160,00	0,75	2,00
1963	170,00	1,20	2,46
1964	187,50	1,66	3,37
1965	194,53	2,10	3,63
1966	214,00	2,34	n.d.
1967	217,82	2,35	n.d.
1968	209,06	2,35	n.d.
1969	210,97	2,08	n.d.
1970	239,96	2,28	3,77
1971	250,14	2,10	4,11
1972	240,48	1,96	4,12
1973	264,94	2,56	4,19
1974	275,27	2,46	4,41
1975	284,52	2,38	4,52
1976	286,31	2,06	4,01
1977	282,73	2,05	4,02
1978	304,77	2,17	5,22
1979	332,12	2,21	6,44
1980	320,56	2,71	7,69
1981	325,02	2,97	10,21
1982	354,50	3,60	11,82
1983	387,28	4,64	10,55
1984	407,31	6,26	11,91

Fonte: Liu Suinian, Wu Qungan (orgs.) Breve historia de la economia socialista de China (1949-1984), Editora Beijing Informa, China, 1987, p.485.